

VIVÊNCIAS DOS ENFERMEIROS NA ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS COM CÂNCER EM CUIDADOS PALIATIVOS: REVISÃO INTEGRATIVA

*NURSES' EXPERIENCES IN THE CARE OF CHILDREN WITH CANCER IN
PALLIATIVE CARE: INTEGRATIVE REVIEW.*

Kelly Dortzbach

Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Dom Alberto.

Onélia da Costa Pedro Cordenuzzi

Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Dom Alberto.

RESUMO:

Objetivo: descrever as vivências dos enfermeiros na assistência às crianças com câncer em cuidados paliativos diante da terminalidade. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura a partir das bases de dados BVS, BDENF e SciELO. **Conclusão:** Este estudo demonstrou valores fundamentais do cuidado de enfermagem à criança com câncer em cuidados paliativos, apontando a necessidade de competências indispensáveis aos profissionais que atuam nesses ambientes, além de apresentar os desafios e dificuldades relativas ao processo de cuidar em oncologia pediátrica, o que remete a necessidade de um olhar atento por parte das instituições de saúde diante da saúde dos trabalhadores.

Palavras-Chave: Cuidados Paliativos; Enfermagem Oncológica; Enfermagem pediátrica.

ABSTRACT:

Objective: to describe the experiences of nurses in the care of children with cancer in palliative care in the face of terminality. **Method:** This is an integrative literature review from the VHL, BDENF and SciELO databases. **Conclusion:** This study demonstrated fundamental values of nursing care for children with cancer in palliative care, pointing

to the need for indispensable skills, in addition to presenting the challenges and difficulties related to the care process care in pediatric oncology, which refers to the need for a close look on the part of health institutions in the face of workers' health that work in these environments.

Keywords: Palliative Care; Oncology Nursing; Pediatric nursing.

INTRODUÇÃO

O câncer infantil, doença que afeta crianças de zero a 19 anos, é um assunto pouco comentado por ocorrer em menor frequência nas crianças e com mais frequência nos adultos e idosos. Porém, esta doença é uma das principais causas de morte entre crianças e adolescentes em todo o mundo (OPAS, 2021). É visto que os casos de câncer estão em ascensão, em consequência disto, para cada ano do triênio de 2020-2022, estima-se um aumento de 4.310 casos novos de câncer infanto-juvenil no Brasil (INCA, 2020).

Sabendo que o câncer infanto-juvenil é predominantemente de natureza embrionária e, geralmente, afeta as células do sistema sanguíneo e os tecidos de sustentação, os índices de cura estão aumentando. Hoje, em torno de 80% dos acometidos, conseguem se recuperar desde que sejam iniciados os tratamentos de forma precoce e correta (INCA, 2020).

No entanto, existem casos em que a cura não é mais uma opção, os tratamentos não são efetivos, sendo necessária a inclusão de cuidados paliativos na vida dessa criança, ou seja, assegurar o máximo de conforto e qualidade de vida. Desse modo, pode tornar-se difícil o cuidar da criança com câncer, como também lidar com suas famílias, pois é necessário atuar não somente no processo diagnóstico e terapêutico, mas estender a assistência às necessidades psicossociais dos indivíduos afetados durante a trajetória da doença e diante da terminalidade da vida. (DELFINO, 2018).

Reis et al., (2015) aponta que são inúmeros os desafios para a equipe de saúde no que tange à inserção de programas de cuidados paliativos destinados a crianças com câncer, sendo de grande relevância que o enfermeiro esteja seguro em suas práticas cotidianas e transcenda os limites técnicos ao cuidar da criança.

Com base no exposto, este estudo justifica-se pela necessidade de conhecer

como se processa o cotidiano de trabalho dos enfermeiros no cuidado à criança com câncer em cuidados paliativos, sobretudo quanto ao papel deste profissional como membro da equipe multiprofissional, buscando o entrelaçamento entre o saber técnico científico e as relações humanas que se estabelecem nesse processo.

Frente a estas considerações, surgiram inquietações acerca do cuidado de enfermagem às crianças com câncer sem possibilidades terapêuticas, e desta forma questiona-se: quais as vivências dos enfermeiros na assistência às crianças com câncer em cuidados paliativos? A partir desse questionamento, este estudo tem como objetivo descrever as vivências dos enfermeiros na assistência às crianças com câncer em cuidados paliativos diante da terminalidade.

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Câncer pediátrico

O câncer pediátrico vem sendo cada vez mais comum em crianças e adolescentes e apresenta várias peculiaridades como origem histológica, tecidos de ocorrência, velocidade de evolução e melhor resposta aos tratamentos quimioterápicos se comparado aos cânceres em adultos. (TUROLLA, 2015; GUIMARÃES, 2016)

É caracterizado pelo crescimento desordenado das células que perdem a capacidade de desenvolver suas funções no organismo tendo o crescimento desordenado invadindo tecidos e órgãos, e configura-se como um problema de saúde pública. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020; SILVA et al., 2018)

A taxa de incidência para o câncer infantil é de 0,5% a 3% dos casos, obtendo um acréscimo de 1% ao ano. Considera-se, portanto, raro quando comparado com o câncer na idade adulta; bem como aos achados histológicos, que possuem uma variação com a faixa etária, sendo este na fase infantil considerado mais agressivo, devido ao estímulo recebido e a resposta de desenvolvimento da doença, porém respondem melhor ao tratamento. Os tipos mais comuns da doença, são as que atingem principalmente as células sanguíneas (leucemias), com taxa de 25% a 30%, os tecidos de sustentação (osteossarcomas) e Sistema Nervoso Central- SNC com taxa de 19% a 27% dos casos. (SAMPAIO; COSTA, 2017).

Em quase todos os casos a criança receberá a quimioterapia como principal

opção de tratamento, na qual, atuará em diversas etapas do ciclo celular, interferindo diretamente na síntese ou transcrição do Ácido Desoxirribonucleico (DNA), ou mesmo diretamente na formação de proteínas, agredindo as células em multiplicação, desta forma, a célula maligna, torna-se um alvo fácil para esta droga (SAMPAIO; COSTA, 2017). Entretanto, quando as opções de tratamentos curativos que vão desde a cirurgia, radioterapia, quimioterapia e transplante se esgotam, a proposta de tratamento passa a ser os cuidados paliativos (SOARES et al., 2014).

No campo pediátrico, o tratamento do câncer infantil pode levar um longo período, onde, o convívio dos profissionais de enfermagem com as crianças e seus familiares faz com que os mesmos vivenciem as expectativas dos familiares no tratamento, além de fazer com que também, vivenciem o sofrimento dos familiares no momento em que as possibilidades de cura se esgotam (FAITH; HANCOCK, 2012).

1.1 Cuidados Paliativos

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em conceito definido em 1990 e atualizado em 2002, “Cuidados Paliativos consistem na assistência promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e seus familiares, diante de uma doença que ameace a vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, por meio de identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais” (WHO, 2002).

Os cuidados paliativos no âmbito do câncer infantil são definidos como um atendimento integral, voltado ao paciente fora de possibilidades terapêuticas, que transcende o modelo biomédico e apresenta como objetivo aumentar a qualidade de vida da criança e de sua família, por meio de ações como: identificar precocemente sintomas biopsicossociais e espirituais, prevenir e aliviar a dor, promover conforto e apoio, incluir a criança e a família na tomada de decisões, permitir que a criança viva o mais ativamente possível em uma rotina que se assemelhe com sua vida antes da internação, viabilizar o contato com os entes queridos, entre outras. (NATARELLI, AZZOLIN e LIMA, 2020)

Cuidados paliativos e curativos são complementares, e não excludentes. Todo paciente fora de possibilidades de cura necessita de cuidados paliativos, mas nem todo

paciente que está em cuidados paliativos está próximo do fim da vida. Destarte, a criança necessita de um cuidado que seja centrado na qualidade de vida e de morte, e não somente no momento do óbito. Esse cuidado deve ter como intuito evitar o aumento do sofrimento da criança e da família, e não prolongar nem adiar a morte. Quando uma criança entra em cuidados paliativos, o enfoque da assistência deixa de ser curativo e passa a ser mais realista com as condições da criança e da família. (FRANÇA et al., 2013; SOUZA, 2013)

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, conduzido de acordo com as etapas propostas por Souza et al., (2010): 1) definição da questão norteadora; 2) elaboração da estratégia e execução da busca; 3) seleção dos estudos; 4) definição das informações a serem extraídas nos estudos selecionados; 5) análise crítica dos estudos incluídos; 6) discussão dos resultados; 7) apresentação da revisão integrativa.

Com o intuito de responder aos objetivos propostos elaborou-se a seguinte questão norteadora: ***quais as vivências dos enfermeiros na assistência às crianças com câncer em cuidados paliativos?***

Para a elaboração da questão norteadora, utilizou-se a estratégia PICO que diz respeito ao acrônimo das letras referentes às palavras: população (P), intervenção (I), comparação (C) e desfecho ou resultado (O). (SANTOS, 2007). Salienta-se que não consideramos a vertente “C”, visto que este estudo não se propõe ao desenvolvimento de pesquisas clínicas, o que torna dispensável sua utilização. Neste estudo, o (P) aplicou ao enfermeiro, o (I) aplicou-se as vivências no cuidado paliativo e (Co) cuidado as crianças portadoras de câncer.

As fontes de dados utilizadas para a pesquisa foram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Base de dados da Enfermagem (BDENF) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), sendo estas escolhidas por sua relevância acadêmica para a área da saúde e da enfermagem.

A busca foi realizada entre os meses de outubro de 2021 a fevereiro de 2022, utilizando os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DECS): “Cuidados Paliativos”; “Oncologia”; “Cuidado da criança”; “Enfermagem Oncológica”;

“Enfermagem de cuidados paliativos na terminalidade de vida”; “Enfermagem pediátrica”; considerando a aproximação dos mesmos com o tema em estudo. Durante a busca foi utilizado o operador booleano “AND”, uma vez que o mesmo favorece a intersecção no decorrer da procura.

Foram considerados elegíveis artigos originais, realizados no Brasil, disponíveis em texto completo de acesso gratuito, publicados em português, sem estabelecimento de recorte temporal e que abordassem a temática do estudo. Foram considerados como critérios de exclusão, os estudos duplicados nas bases de dados, estudos de revisão, ou aqueles cujas amostras não atendiam ao tema de estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da utilização da estratégia de busca, foram encontrados 378 estudos, destes, 16 foram excluídos por tratarem-se de estudos de revisão, 77 por fugirem do tema estabelecido, 184 por estarem disponíveis em outros idiomas e 67 por estarem no formato de teses e/ou dissertações. Desta forma obtiveram-se 34 publicações, as quais foram selecionadas a partir da leitura do título e resumo, e após leitura do texto na íntegra, selecionaram-se 7 estudos, conforme apresentado na figura 1 abaixo.

Figura 1: Fluxograma de busca e seleção dos artigos.



Fonte: Dortzbach e Cordenuzzi, RS, Brasil, 2022.

Organizaram-se após a seleção, os artigos de acordo com o ano de publicação,

o título, os nomes dos (as) autores (as), os objetivos e a conclusão dos estudos, conforme Quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Artigos selecionados como amostra do estudo

Artigo	Título / Autores/Ano	Periódico	Objetivo	Conclusão
1	Cuidado de enfermagem à criança que tem doença oncológica avançada: Ser Com No Cotidiano Assistencial. MUTTI, Cintia Flores et al., 2012	Cienc Cuid Saude	Compreender o significado, para equipe de enfermagem, de cuidar de crianças que têm doença oncológica que não responde mais aos tratamentos curativos.	O cuidado em oncologia pediátrica transcende questões técnicas e rotinas e demanda competências para atender às singularidades e necessidades da criança e da família.
2	O enfermeiro e o cuidar da criança com câncer sem possibilidade de cura atual. MONTEIRO, Ana Claudia et al., 2012	Esc Anna Nery	Analisar compreensivamente o cuidado do enfermeiro à criança hospitalizada portadora de doença oncológica fora de possibilidade de cura atual.	A partir dessas ações direciona-se o cuidar para o familiar ali presente, com o intuito de apoiá-lo, proporcionando atitudes de carinho, afeto e respeito.
3	Cuidados Paliativos À Criança Com Câncer. SÁ FRANÇA, J.R.F.de, COSTA, S.F.G.da, NOBREGA, M. M. L. da, LOPES, M. E. L. 2013	Rev. Enferm. Uerj	Compreender a experiência existencial de enfermeiros, no cuidar de crianças com câncer sem possibilidades terapêuticas.	Os cuidados paliativos são um instrumento eficaz no cuidado com a criança com câncer, para promover uma comunicação autêntica e um vínculo entre ela e o enfermeiro, que pode desenvolver um processo terapêutico baseado em valores humanísticos universais, com benefícios para ambos.

4	A Atuação Do Enfermeiro Junto À Criança Com Câncer: Cuidados Paliativos. MONTEIRO, Ana Claudia et al., 2014	Rev Enferm Uerj	Conhecer a ação de cuidar do enfermeiro à criança com câncer em cuidados paliativos.	Os enfermeiros tratam das crianças em cuidados paliativos de forma singular, pautados na compreensão, no carinho e no respeito às suas necessidades e de sua família.
---	--	-----------------	--	---

8

5	Relações Estabelecidas Pelos Profissionais De Enfermagem No Cuidado Às Crianças Com Doença Oncológica Avançada. REIS, Thamiza L. Da Rosa et al., 2014	Chía, Colombia	Compreender as relações estabelecidas pelos profissionais da equipe de enfermagem no cuidado às crianças com doença oncológica avançada, sem possibilidades terapêuticas.	Essas relações refletem as dificuldades do cuidar diante do câncer, intensificadas por se tratar de crianças, uma vez que sua concepção dessa doença está associada ao sofrimento e à morte.
6	Criança Com Câncer Em Processo De Morrer E Sua Família: Enfrentamento Da Equipe De Enfermagem. CARMO, S.A dos, OLIVEIRA; I.C.S. 2015	Revista Brasileira De Cancerologia	Descrever as especificidades do cuidado de enfermagem à criança com câncer em processo de morrer e sua família e analisar a atuação da equipe de enfermagem frente à criança com câncer em processo de morrer e sua família.	A equipe de enfermagem apresenta dificuldades em lidar com a morte da criança com câncer em processo de morrer e apoiar sua família. Essas dificuldades estão relacionadas à falta de entendimento sobre os cuidados paliativos.

7	Cuidados Paliativos Em Oncologia: Vivência De Enfermeiros Ao Cuidar De Crianças Em Fase Final Da Vida. SANTOS, Genáine De Fátima Alves Teixeira Fernandes et al., 2020	R. Pesq.: Cuid. Fundam. Online	Investigar a vivência de enfermeiros ao cuidar de crianças com câncer sob cuidados paliativos.	Os entrevistados demonstraram vivenciar assistência voltada à qualidade de vida da criança com câncer em cuidados paliativos e de seus familiares. sugere-se maior investimento na formação acadêmica em relação à temática.
---	---	--------------------------------	--	--

Fonte: Dortzbach e Cordenuzzi, RS, Brasil, 2022.

A sistematização dos dados ocorreu pela técnica da análise temática de conteúdo seguindo as seguintes etapas: pré-análise; regra de exaustividade; exploração do material e o tratamento dos dados, inferências e interpretações. Ao final foi feita a codificação das unidades de registro de acordo com a analogia dos significados e a abstração das categorias. (BARDIN, 2011)

Durante a análise dos estudos selecionados emergiram duas categorias temáticas, sendo: **“Caracterização do cuidado à criança com câncer em cuidados paliativos”** e **“Aspectos vividos durante a assistência a crianças com câncer em Cuidados Paliativos”**, as quais serão descritas a seguir.

Categoria 1: Caracterização do cuidado à criança com câncer em cuidados paliativos

No contexto do cuidado de enfermagem à criança com câncer em cuidados paliativos foram destacados valores fundamentais desse tipo de assistência, como a promoção de conforto, controle e alívio da dor e apoio à família voltados a prestação de uma assistência humanizada e centrada no alívio do sofrimento diante uma patologia complexa como o câncer. (artigos 2, 4, 5, 6 e 7)

Os estudos demonstraram que há investimento no tratamento enquanto há possibilidade de cura, mas, por vezes, os procedimentos não têm o resultado

esperado, o câncer avança e a criança passa a receber somente cuidados paliativos. Assim, a busca pelo alívio do sofrimento é essencial, uma vez que reflete diretamente no conforto da criança como possibilidade de dar benefícios e melhorar sua condição com vistas a proporcionar de forma mais digna o fim de vida. (artigos 4 e 5)

Nesse sentido, Rodrigues et al.(2022) referem que os cuidados paliativos surgem no âmbito de saúde como uma condição básica para resgatar a dignidade e o respeito do paciente, que se encontra com a doença em um estágio bem avançado. Desse modo o cuidado paliativo surge como o agir profissional, buscando sempre o alívio dos sintomas (principalmente de dor) e do sofrimento causado por essa doença tão agressiva e é também direcionado a família, que é onde a criança também buscará forças para seguir em frente e não se deixar abater tão facilmente.

Diante da presença da dor e sofrimento intensos característicos dessa fase da doença, a preocupação dos profissionais em promover o conforto juntamente com as intervenções realizadas foi mencionada por meio de acompanhamento multidisciplinar e implementação de medidas farmacológicas como a administração de medicamentos como ações que se enquadram dentro dos cuidados ofertados. (artigos 2, 4, 6 e 7)

Além do cuidado direcionado ao controle da dor um estudo destacou a necessidade de práticas assistenciais como mudança de decúbito, higiene e monitoramento dos sinais vitais, a comunicação, o apoio à família, massagem de conforto, curativos, dentre outros, sempre com o objetivo de trazer conforto e qualidade de vida à criança, ajudando-o a viver com a melhor qualidade possível. (artigo 7)

A necessidade de uma abordagem humanizada direcionada a valorização da subjetividade tanto da criança quanto sua família foi mencionada nas investigações, com o objetivo de proporcionar bem-estar e minimização do sofrimento, buscando atender às necessidades da criança não apenas em relação aos sintomas apresentados, mas, sobretudo para o que ela está sentindo naquele momento, em busca de proporcionar melhor qualidade de vida e bem-estar à criança. (artigos 2,4 e 7)

Paiva et al., (2021) descrevem que para o alívio e controle da dor oncológica são utilizados com frequência os medicamentos opióides, estando entre os fármacos mais poderosos e de ampla disponibilidade. Entretanto, Silva et al., (2018) descrevem que o manejo da dor se torna mais eficiente quando analisado com integralidade, usando os componentes emocionais e comportamentais, além de métodos não farmacológicos como: estimulação nervosa elétrica transcutânea, calor, frio,

massagem e os métodos cognitivos, como relaxamento e distração dirigida, pois estes levam em conta a dor individual do paciente, sendo esta, imensurável.

Nesse sentido, Henriques et al., (2019) apontam para a necessidade de que os tratamentos e os cuidados prestados pelas equipes de saúde não sejam voltados apenas para condutas técnicas, mas também para o acolhimento, e inclusão dos familiares nas decisões relacionadas a seus filhos.

A preocupação dos profissionais de enfermagem em encontrar formas de promover qualidade de vida às crianças foi destacada, onde oferecer amparo, segurança no cuidado, conforto, carinho, realização dos desejos, atenção, força e conversa em busca de acalmá-los no momento em que a cura não é mais possível, traduz os esforços desses profissionais em dar mais vida aos dias que lhes restam e fazer com que se sintam o melhor possível. (artigos 2, 4 e 5)

O apoio emocional, a espiritualidade e a valorização da vida foram destacados como pontos relevantes durante a assistência à criança com câncer em cuidados paliativos. Assim, oferecer apoio espiritual, emocional e religioso como uma forma de cuidado humano pode trazer mais aceitação, tranquilidade nos momentos de desestruturação emocional, tornando-se significativo na assistência à criança e aos familiares e também na comunicação de más notícias. (artigos 4 e 7)

Nessa direção, Arrieira et al., (2018) acreditam que por meio da espiritualidade é possível oferecer conforto aos pacientes, e a força do pensamento positivo pode trazer resultados benéficos. Dessa forma, é vista a necessidade de reconhecer e valorizar a dimensão do cuidado espiritual do ser, enquanto uma ferramenta para a promoção da qualidade de vida às pessoas em cuidados paliativos.

A necessidade da presença de uma equipe multidisciplinar junto a criança com câncer em cuidados paliativos foi mencionada, especialmente por exercer um papel fundamental em todas as etapas do tratamento, onde a assistência de enfermagem torna-se fundamental por oferecer um cuidado humanizado e integrado junto a esta equipe. (artigo 7)

Nesse contexto, Arrieira et al., (2018) enfatizam que a presença de uma equipe formada por profissionais das mais diversas especialidades configura-se em uma importante ferramenta para o cuidado integral, a qual competem habilidades além da técnica, pois a partir da ajuda mútua todos observam pontos diferentes e realizam o cuidado em prol dos pacientes e seus familiares.

Para Mutti (2013), diante das necessidades de cuidado preventivo, curativo e paliativo no campo da oncologia pediátrica, destaca-se a importância de uma equipe de saúde multiprofissional para o acompanhamento da saúde da criança. Assim, tem-se a possibilidade de desenvolver uma assistência especializada, a qual requer habilidades para: avaliar as condições da criança, desenvolver um plano individualizado de cuidados e acompanhar os resultados do tratamento na saúde da criança. Vislumbra-se integrar a objetividade (técnicas) e a subjetividade (amparo e acolhimento), tanto à criança quanto a sua família, a partir de uma abordagem humanizada.

Categoria 2: Aspectos vividos durante a assistência a crianças com câncer em Cuidados Paliativos

Os estudos apontaram a construção e o estabelecimento de relações de vínculo, confiança, amor e carinho entre a equipe de enfermagem, à criança com câncer em cuidados paliativos e sua família. Por outro lado, o cuidado neste contexto foi caracterizado como complexo por mobilizar reflexões diárias e uma diversidade de sentimentos negativos, os quais podem gerar sobrecarga emocional nos profissionais de enfermagem.

A construção e o estabelecimento de relações entre a equipe de enfermagem, à criança e os seus familiares foram caracterizados como inevitáveis, especialmente pelo longo período de hospitalização e tratamento, além das frequentes hospitalizações, o que possibilita um relacionamento mais próximo compartilhando experiências boas e ruins. (artigos 1, 4, 5 e 6)

Desta forma, cuidar neste contexto significa se envolver com a criança, o que além de propiciar a construção de um vínculo de confiança e afeto, faz emergir sentimentos como apego, afinidade, interação, aproximação e amizade. Essa interação e ainda o retorno das crianças por meio do carinho pelo profissional, tornam-se um estímulo e também recompensa para este, estabelecendo-se uma relação de troca. (artigos 1 e 5)

Nesse sentido, sentimentos como confiança e amizade devem estar presentes no cuidado à criança oncológica, buscando a redução do estresse e da angústia presentes nesse âmbito. Faz-se necessário evidenciar que a base de confiança se

dará via comunicação verbal e não verbal, durante o contato paciente-enfermeiro, assim sendo a criança interpretará na enfermagem pessoas que se podem confiar, aceitando assim o cuidado dispensado. Humanizar significa transcender os aspectos fisiológicos da patologia, originando assim o cuidado sistematizado, integral do ser. (VIEIRA et al., 2016)

Um dos estudos apontou que torna-se essencial o profissional dispor do toque, do carinho, do abraço como um suporte para a criança num momento tão difícil, os quais possuem efeito moral significativo, e que estar presente, junto à criança, torna a mais confiante para enfrentar o que está por vir. (artigo 4)

Isso vem de encontro ao que Arrieira et al., (2018) acreditam quando destacam que para valorizar a subjetividade no ato de cuidar faz-se necessário adotar estratégias como o toque terapêutico, a escuta ativa e qualificada com o objetivo de amenizar o sofrimento e proporcionar conforto e bem-estar. Desta forma, o paciente é percebido enquanto sujeito biopsicossocial e espiritual, necessitando ser assistido em sua totalidade, de modo individual, eficiente e eficaz, com estabelecimento de vínculo afetivo e de confiança.

A família da criança com câncer em cuidados paliativos por sua vez, necessita ser inserida pelo enfermeiro no processo de cuidar, seja através de atitudes como uma conversa, um abraço e escuta atenta, elementos que permitem conhecer seus problemas e assim tranquilizá-los e buscar consolo para o sofrimento causado por uma doença tão difícil. (artigo 4)

Nesse sentido, Funes et al. (2020) descreve que a família desempenha um papel importante frente ao adoecimento de seus membros, influenciando na maneira como o paciente reage a essa situação. Diante de um paciente fora de possibilidade de cura, o envolvimento da família é essencial, devendo ser inserida no processo de cuidar, como forma de consolidar o cuidado integral ao paciente.

O estabelecimento do vínculo e do envolvimento emocional com o paciente e a família, é um dos caminhos menos dolorosos e que torna a rotina de trabalho dos enfermeiros mais eficaz, além de possibilitar uma maior confiança entre o profissional e o paciente/família e caminhos para discussão e retirada de dúvidas. (RODRIGUES et al.; 2022)

Santos et al. (2022) reconhecem que a enfermagem se destaca pela proximidade com o paciente, sendo, por isso, uma profissão responsável pelo olhar

holístico, contemplando, no processo de cuidar, as dimensões biológica, mental, emocional e espiritual do ser humano. A empatia e a ética nas ações garantem o vínculo e a existência de um apoio para os pais envolvidos no tratamento. Quando a equipe compreende o grau de importância do envolvimento dos familiares, aciona componentes que aperfeiçoam a conquista da confiança da mesma, ultrapassando a razão que instrumenta a técnica, facilitando o encontro com a sensibilidade.

Compreender a forma como a criança está vivenciando os seus últimos dias de vida assume grande relevância no processo de cuidar nesse contexto, e exige que o enfermeiro saiba se expressar e lidar com uma diversidade de situações. Para tanto, a conversa por meio de uma comunicação adequada, o uso do bom-humor e da brincadeira que a faz sorrir devem fazer parte do cuidado das crianças com câncer em cuidados paliativos, pois possibilitam o refúgio daquele momento que está vivendo e promovem uma assistência de enfermagem humanizada. (artigos 1, 2, 3, 4 e 5)

Desta forma, o uso de uma comunicação autêntica, na sua forma verbal e não verbal somadas a habilidades de relacionamento interpessoal demonstraram-se como uma maneira eficaz de cuidado. Destaca-se que a boa comunicação pode tranquilizar a criança nesse processo de finitude, pois muitas vezes encontra-se com a capacidade cognitiva e o nível de consciência e de orientação incompatíveis com o seu nível de entendimento, onde a atenção ao não verbal da criança mediante o olhar e o toque assume grande importância nesse processo. (artigos 1, 3, 4 e 5)

Nesse sentido, para Soeiro, Vasconcelos e Bastos (2022) a comunicação faz parte do cuidado, e pode trazer segurança ao paciente e aos seus familiares, uma vez que ao passar uma informação e deixá-los conscientes de toda a situação desde os sintomas, estado geral e intervenções a serem realizadas pode fazer com que se sintam mais tranquilos contribuindo assim para a eficácia do tratamento. Entretanto, mesmo esse sendo um método que contribui para a evolução do paciente, ainda são encontradas dificuldades pelos profissionais de saúde que optam por dar apenas informações que consideram necessárias.

Por outro lado, o cuidado da criança com câncer em cuidados paliativos foi caracterizado como complexo ao mobilizar percepções, reflexões e sentimentos dos profissionais de enfermagem diante da doença oncológica pediátrica, os quais podem gerar sobrecarga emocional. A dificuldade em lidar com a morte e prestar os cuidados paliativos frente a angústia das famílias e diante da finitude da vida, também foram

destacados como geradores de sobrecarga emocional aos profissionais. (artigos 2, 5, 6 e 7)

Nesse sentido, compreende-se que a vivência com o sofrimento das crianças em cuidados paliativos diante da finitude mobiliza no profissional de enfermagem inúmeras percepções e sentimentos tais como pesar, dor, sofrimento, angústia e sensação de impotência, acompanhados de sobrecarga e desgaste emocional. (artigos 5, 6 e 7)

Do Carmo et al., (2019) reconhecem que o cotidiano laboral do enfermeiro na Oncologia, é permeado por múltiplas questões desafiadoras, que se transformam em uma espiral de afetos, sentimentos, angústias, incertezas e (re)significações, em um constante movimento de buscas e associações entre a vida pessoal-profissional, conformando uma práxis que transcende o espaço físico e as habilidades técnicas.

A vivência do processo de morte e o sofrimento dos pais pela perda do filho também gera um sentimento de profundo pesar no profissional que por sua vez, investe todos os seus esforços para ajudar a família, procura compreender esse sofrimento e também demonstrar seus próprios sentimentos aos familiares. (artigo 5)

O cuidar da criança sem saber se amanhã ainda estará na unidade de internação, visto que o profissional vivencia a situação em que a criança piora sua condição de saúde a cada dia, gera um constante sentimento de perda, emergindo as dificuldades da equipe de enfermagem em lidar com a morte, destacada nos estudos como um fator preponderante para a mobilização de sentimentos e desgaste emocional. (artigos 5 e 6)

Estas situações remetem a uma busca constante pela superação emocional desses sentimentos no cotidiano pessoal e assistencial, fazendo com que os profissionais busquem estratégias para separar a relação profissional da emocional. Entretanto, mesmo com os esforços para aprender a lidar com as situações de dor e se proteger do sofrimento permeado pela angústia das famílias e pelas perdas das crianças, permanece a dificuldade em lidar com a morte, e, então, o cuidado os abala. (artigos 5 e 7)

Para Mutti, Padoin e Paula (2012) e Souza et al., (2013) a morte é uma temática que surge inevitavelmente na área da oncologia pediátrica, cabendo muitas vezes ao enfermeiro, profissional que passa a maior parte do tempo junto ao paciente, lidar com essa questão. As possibilidades de atuação do enfermeiro nesse momento podem ser

divididas em dois grupos: as objetivas (promoção de conforto e alívio da dor por meio de métodos farmacológicos e não farmacológicos, entre outras técnicas) e as subjetivas (cuidar da família por meio da construção de um vínculo de confiança e afeto, promover o controle da ansiedade e depressão). Nesse contexto, o enfermeiro se depara com fatores que dificultam sua prática, como a falta de autonomia para tomar decisões, além da falta de formação específica e de compreensão a respeito do processo de morrer e como lidar com ele.

Nesse ínterim, há a presença de comportamentos contraditórios frente à criança em processo de morrer e, enquanto alguns profissionais preferem se envolver emocionalmente com a criança e sua família, outros preferem se afastar. Acredita-se que essas contradições ocorram pela tentativa de se proteger da dor e do medo de perder a criança sob seus cuidados ao buscar não se envolver com as crianças em tratamento. Entretanto, nem sempre é possível, pois existem as exceções das crianças com as quais eles se apegam e sentem mais, trazendo sofrimento e sobrecarga emocional. (artigos 5, 6 e 7)

Natarelli, Azzolin e Lima (2020) em seu estudo de revisão, demonstraram que o processo de cuidar da criança com câncer é um gerador de sobrecarga de trabalho e sofrimento para toda a equipe de enfermagem. Quanto maior o vínculo entre o profissional e a criança, maior o sofrimento no momento da perda. Dessa forma, muitos profissionais tendem a “não se apegar” à criança, executando um cuidado distante, silencioso e mecânico. Ainda, como estratégias relatadas pelos profissionais para reduzir o sofrimento, está separar o “lado pessoal” do “lado profissional” e se esquecer dos pacientes após o término da jornada de trabalho, além dos refúgios em momentos de lazer. Tais estratégias são importantes, pois protegem a saúde mental do profissional e amenizam seu sofrimento momentaneamente, porém, quando são utilizadas em excesso, podem alienar o profissional e até levá-lo ao adoecimento psíquico.

Nesse sentido, Fernandes, Anjos e Rodrigues (2018) alertam para a necessidade de uma atenção maior das instituições de saúde no que diz respeito aos aspectos que envolvem o enfrentamento de situações diárias de sofrimento e de perdas pelos profissionais. Por vezes, a equipe se afasta da criança e da família para a sua própria defesa frente ao momento doloroso vivenciado. Exige-se cada vez mais treinamento e auxílio, visto que em longo prazo, poderá ocasionar a frustração, a

desmotivação, o medo, a tristeza e até conflitos entre os membros da equipe.

Neves et al., (2020) complementam que cuidar de pacientes sem possibilidade de cura requer do profissional não apenas conhecimento técnico e esforço físico, mas também preparo psicológico, uma vez que atuam sob altos níveis de sobrecarga emocional. Assim, se a equipe multiprofissional não conta com o suporte do serviço em que está inserida para realizar treinamentos e capacitações para lidar com os fatores estressores, os profissionais tornam-se propensos a adotar estratégias de enfrentamento inadequadas, e prestar uma assistência desumana e desqualificada.

Os mesmos autores alertam para a necessidade de capacitação e suporte psicológico especializado para os profissionais de enfermagem lidarem com as perdas de seus pacientes além de espaços para falarem abertamente sobre seus sentimentos no serviço, o que seria capaz de transformar o sofrimento em momentos de prazer e até mesmo de gerar estratégias potentes capazes de modificar seu cotidiano de trabalho.

Por outro, um estudo demonstrou que diante do sofrimento causado pelo câncer, o profissional compreende o cuidado como uma possibilidade de aprendizado, ou seja, a cada momento em que cuida da criança com doença oncológica avançada, vivencia novas lições de vida. Diante da força e esperança com que as crianças enfrentam a doença e a vontade que elas têm de viver e de superar essa situação, os profissionais passam a repensar sua vida pessoal, o que refletirá sobre suas prioridades e valores. (artigo 5)

Foi destacado ainda, que estas reflexões tornam-se frequentes quando a profissional de enfermagem é mãe, fazendo com que se relacionem de forma diferente com a criança e sua família, pois se colocam no lugar das mães dessas crianças. Mesmo tentando evitar, envolvem-se, apegam-se e imaginam que também poderiam estar vivenciando essa situação pensando que poderiam ser seu/sua(s) filho/a(s), o que torna o cuidado mais difícil e triste as crianças que têm doença oncológica avançada.

Nesse sentido, o estudo de Do Carmo et. al., (2019) quando buscou compreender a perspectiva de enfermeiros acerca do processo de enfrentamento dos desafios vivenciados no cuidado à pessoa com câncer, demonstrou o anseio dos enfermeiros em superar suas dificuldades de lidar com pacientes pediátricos. O estudo revelou que a maioria dos entrevistados apresentou resistência em aceitar o

adoecimento e morte desses pacientes, além de não conseguirem desvincular a vivência pessoal de ser ter um filho criança e também da vivência profissional de ter que lidar com pacientes da mesma idade que seus filhos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou valores fundamentais do cuidado de enfermagem à criança com câncer em cuidados paliativos, apontando para a necessidade de competências indispensáveis ao enfermeiro que atua nesse contexto, além de apresentar os desafios e dificuldades relativas ao processo de cuidar em oncologia pediátrica.

Foi possível compreender o significado do cuidado e suas especificidades e também conhecer as experiências e relações estabelecidas entre os profissionais, as crianças com câncer e sua família, evidenciadas por relações de apego, vínculo, carinho e afeto, demonstrando que para atuar em oncologia pediátrica exige-se cada vez mais profissionais emocionalmente preparados, qualificados e que prestem uma assistência integral e humanizada.

Entretanto, o cuidado da criança com câncer em cuidados paliativos foi caracterizado como complexo, pois ao conviver com situações em que a criança se encontra em situação crítica ou na iminência da morte há a mobilização de percepções, reflexões constantes e sentimentos negativos nos profissionais de enfermagem.

A dificuldade em lidar com a morte e prestar os cuidados paliativos frente a angústia das famílias e diante da finitude da vida, também foram destacados como geradores de sobrecarga emocional aos profissionais e que por vezes, faz com que a equipe se afaste da criança e da família para a sua própria defesa frente ao momento doloroso experienciado.

Diante do exposto, acredita-se que os resultados deste estudo trazem desdobramentos importantes no que se refere a necessidade de um olhar atento por parte das instituições de saúde diante da saúde dos trabalhadores que atuam nesses ambientes, uma vez que o enfrentamento de situações diárias de sofrimento e de perdas pelos profissionais de enfermagem no cuidado a crianças com câncer em cuidados paliativos é uma constante.

Acredita-se que o preparo dos profissionais de enfermagem em relação às questões da terminalidade da vida é algo que deve ser explorado desde a formação e se estender durante a vida profissional, com abertura de espaços que possam permitir a troca de experiências, o compartilhamento de sentimentos e dificuldades visando um cuidado integral e mais humanizado, tão necessário nesses ambientes de cuidado.

Quanto às limitações deste estudo, pode ser mencionado o número reduzido de publicações encontradas, o que impede a generalização dos resultados devido à complexidade do tema. Assim, sugere-se que estudos futuros possam explorar outros aspectos dos cuidados paliativos direcionados à criança com câncer em fase terminal, especialmente no que tange a capacitação dos profissionais para que possam alcançar uma melhor compreensão a respeito do processo de morrer e como lidar com ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIEIRA, I. C. de O. *et al.* Espiritualidade nos cuidados paliativos: experiência vivida de uma equipe interdisciplinar. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 1-6, 14 jan. 2018. Semanal. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2017007403312>. Acesso em: 26 maio 2022.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). **Lisboa**: Edições 70; 2011.
- CARMO, S. A. do; OLIVEIRA, I. C. dos S.. Criança com Câncer em Processo de Morrer e sua Família: enfrentamento da equipe de enfermagem. **Revista Brasileira de Cancerologia**, [S.L.], v. 61, n. 2, p. 131-138, 30 jun. 2015. *Revista Brasileira De Cancerologia (RBC)*. <http://dx.doi.org/10.32635/2176-9745.rbc.2015v61n2.300>. Acesso em: 09 set. 2021.
- DELFINO, C. da T. A. *et al.* Câncer infantil: Atribuições da enfermagem em cuidado paliativo. **Saúde e Desenvolvimento**, [S. L.], v. 12, n. 10, p. 18-40, 04 maio 2018. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/%20article/view/866>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- DO CARMO, R. A. L. O., *et al.* Cuidar em Oncologia: Desafios e Superações Cotidianas Vivenciados por Enfermeiros. **Revista Brasileira de Cancerologia**, [S. l.], v. 65, n. 3, p. e-14818, 2019. DOI: 10.32635/2176-9745.RBC.2019v65n3.818. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/818>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FAITH, C. F.; HANCOCK, L. E. Pediatric palliative care: beyond the end of live. **Pediatric Nursing**. 2012 Aug;38(4):198-203,227.

FERNANDES, L. M. F. A.; ANJOS, L. M. F.; RODRIGUES, M. S. S.. Sofrimento psíquico da equipe de enfermagem no processo morte e morrer da criança oncológica. 2018. **Acta de Ciências e Saúde**, 1 (1), 13-23.

FRANÇA, J. R. *et al.* Cuidados paliativos à criança com câncer. **Rev Enferm UERJ**. Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 779-84, 2013.

FUNES, M.M. *et al.* Caring for cancer patients facing death: nurse's perception and experience. **Rev Bras Enferm**. 2020;73. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/knP4MPpQ8nVVqcmLrhWywKj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GUIMARÃES, T. M. *et al.* Palliative care in pediatric oncology in nursing students' perception. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 261-267, nov. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/q7bshsbnMcML5FcjdQMrW8m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 maio 2022.

HENRIQUES, C. de M. R. *et al.* Equipes de saúde frente aos cuidados a crianças em tratamento oncológico: principais intervenções. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29079>. Acesso em: 8 jun. 2022.

MONTEIRO, A. C. M. *et al.* A atuação do enfermeiro junto à criança com câncer: cuidados paliativos. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 22, n. 6, 2014. Acesso em: 09 de set. de 2021.

MONTEIRO, A. C. M.; RODRIGUES, B. M. R. D.; PACHECO, S. T. de A. O enfermeiro e o cuidar da criança com câncer sem possibilidade de cura atual. **Escola Anna Nery**, [S.L.], v. 16, n. 4, p. 741-746, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/LwDBrf3cjZHTmHVFBwclDkJ/?lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (Brasil). ABC do Câncer: Abordagens básicas para o controle do câncer. **INCA**

[internet]. 6ª edição revista e atualizada 2020. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//livro-abc-6-edicao-2020.pdf>. Acesso em: 29 de mai. de 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (**INCA**). O que é câncer? 2020. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/o-que-e-cancer>. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

MUTTI, C. F. *et al.* Cuidado de enfermagem à criança que tem doença oncológica

avançada: ser-com no cotidiano assistencial. **Ciência Cuidado e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 113-120, [S.L.] 2012. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/ccs/v11n1/15.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

MUTTI, C. F. Ser-profissional-de-enfermagem-que-cuida da criança que tem doença oncológica avançada que não responde mais aos tratamentos curativos. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), Santa Maria, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7386/MUTTI%2c%20CINTIA%20FLOR ES.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7386/MUTTI%2c%20CINTIA%20FLOR%20ES.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 15 maio 2022.

NATARELLI, T. R.; AZZOLIN, G. M.; LIMA, V. A. Assistência de enfermagem à criança com câncer em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. **Rev Soc Bras Enferm Ped**. 2020;20(2):97-107.

NEVES, L. M. L.; GOUVÊA, M. V.; SOUZA, E. E. F. Cuidados paliativos oncológicos ou cuidados ao fim de vida? O desafio de uma equipe multiprofissional. **Saúde em Redes**, 6(3), 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021. Alguns direitos reservados. Este trabalho é disponibilizado sob licença **CC BY-NC-SA 3.0 IGO**. Iniciativa Global da OMS para o Câncer Infantil Implementação na América Latina e no Caribe.

PAIVA, C. F. *et al.* Historical aspects in pain management in palliative care in an oncological reference unit. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 74, n. 5, p. 1-8, abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gwX6t7GvJPjvV5trMDXcdNQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2022.

REIS, T. L. da R. dos. *et al.* Relações estabelecidas pelos profissionais de enfermagem no cuidado às crianças com doença oncológica avançada. **Aquichan**, [S.L.], v. 14, n. 4, p. 496-508, 1 jan. 2015. Universidad de la Sabana. Disponível em: <https://aquichan.unisabana.edu.co/index.php/aquichan/article/view/3070/pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

RODRIGUES, L. S. *et al.* Atuação Da Enfermagem Com Cuidados Paliativos Em Crianças Oncológicas. **Revista Inova Saúde**, Criciúma, vol. 12 n.1. 2022. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/Inovasauade/article/view/6011/5786>. Acesso em: 16 mai. 2022.

SÁ FRANÇA, J. R. F. *et al.* Cuidados Paliativos à Criança com Câncer. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2013 dez; 21(esp.2): p. 779-84. Acesso em: 05 de out. de 2021.

SAMPAIO, J. F.; COSTA, M. F. Métodos Para o Tratamento da Dor em Crianças com Câncer. **Revista Discente da UNIABEU**. 2017, vol.5, n.10. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/2451/2112>. Acesso em: 11 mai. 2022.

SANTOS, G. de F. A. T. F. dos. *et al.* Cuidados Paliativos em Oncologia: Vivência de Enfermeiros ao Cuidar de Crianças em Fase Final da Vida. **Cuidado É Fundamental**, Rio de Janeiro, p. 689-695, jan. 2020. Disponível em: http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/9463/pdf_1. Acesso em: 09 set. 2021.

SANTOS, C. M. DA C.; PIMENTA, C. A. DE M.; NOBRE, M. R. C. A Estratégia Pico Para a Construção da Pergunta de Pesquisa e Busca de Evidências. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2007, vol. 15, n. 3. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2022.

SANTOS, R.S. *et al.* Percepção dos Pais de Crianças com Câncer sobre o Cuidado Humanizado da Enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**. 2019. 9/2883. Available in: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/viewFile/2883/2155>. DOI: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v9i0.2883>. Acesso em: 01.06.2022

SILVA, E. L. S. *et al.* Boas Práticas de Enfermagem no Tratamento Oncológico Pediátrico. REAS, **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. (Vol. Sup.11, S1406-S 1411). 2018. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/issue/view/43>. Acesso em: 26 mai. 2022.

SOARES, V. A. *et al.* O uso do brincar pela equipe de enfermagem no cuidado paliativo de crianças com câncer. **Rev Gaúcha Enferm** [online]. 2014 35(3):111-116. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngen/a/5pdcScVkjbgvxtj66V6CFYB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 mai. 2022.

SOEIRO, A.; BASTOS, T. R.; VASCONCELOS, V. S. Sedação Paliativa, Bioética e Terminalidade da Vida: Implicações na Prática Médica Cuidados Paliativos. **Revista Iberoamericana de Bioética**. nº 18, 01-14, 2022. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/15363/15764>. Acesso em: 24 mai. 2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. 2010; 8(1):102-106. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2022.

SOUZA, L. F. *et al.* Morte digna da criança: percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia. **Rev Esc Enferm USP**. São Paulo, 2013;47(1):30-7.

TUROLLA, K. R.; SOUZA, M. C. Enfermagem Pediátrica Oncológica: Assistência na Fase de Terminalidade. **Rev. Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**. SP, (Vol. 19, n. 1, pp. 26-37).2015. Disponível em: <https://ensaioscienca.pgskroton.com.br/article/view/3013>. Acesso em 26 mai. 2022.

VIEIRA, A. P. M. S. *et al.*, Assistência de Enfermagem na Oncologia Pediátrica. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde**, v. 3, n. 3, p. 67-75. 2016. Disponível em: <
<http://atualizarevista.com.br/wpcontent/uploads/2016/01/Assist%C3%Aancia-de-enfermagem-na-oncologiapedi%C3%A1trica-v-3-n-3.pdf> > Acesso em: 08 jun. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). National cancer control programmes: policies and managerial guidelines. 2.ed. **Geneva**: WHO, 2002. Cuidados paliativos. 2021. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/controle-do-cancer-do-colo-do-utero/acoes-de-controle/cuidados-paliativos#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da,a%20vida%2C%20por%20meio%20da>. Acesso em: 11 mai. 2022.

Data recebimento do artigo: 30/06/2022

Data do aceite de publicação: 13/07/2022
